Garimpando a presença teórica de Milton Santos entre os diamantes de Três Ranchos¹

José Luiz Vaz de Sousa²

zluizvaz@yahoo.com.br

Prof^a. Dr^a. Maria Geralda de Almeida³

mgdealmeida@gmail.com

Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça⁴

ufgmendonca@gmail.com

Resumo: No levantamento bibliográfico para a pesquisa acerca do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos (atividade que existiu até 1982 às margens e no leito do Rio Paranaíba, inviabilizada pela construção de uma hidrelétrica) encontramos grande fundamento na obra de Milton Santos, notadamente no livro “Metamorfoses do espaço habitado”. Sob a lucidez desse livro, percebe-se a verdadeira estatura das transformações ocorridas, e como todos os eventos e todos os personagens contribuem no processo. A desestruturação dos modos de vida, as alterações ambientais provocadas pela hidrelétrica, a inviabilidade do aproveitamento da terra como sempre fora até então, as novas formas de exploração do espaço, a presença e importância do sistema urbano, tudo é possível de ser analisado com o auxílio dessa obra de Milton Santos.

Palavras chave: Garimpeiros, Hidrelétricas, Metamorfoses, Milton Santos.

Resumen: En la literatura de investigación sobre la extracción de diamantes en Três Ranchos (actividad que duró hasta 1982, en el Río Paranaíba, frustrada por la construcción de una hidroeléctrica), encontramos gran fundamento en la obra de Milton Santos, en particular, en el libro “Metamorfoses do espaço habitado”. En virtud de la claridad de este libro se da cuenta de la verdadera dimensión de los cambios ocurridos, y como todos los eventos y personajes actúan en el proceso. La interrupción de los medios de vida, los cambios ambientales provocados por la represa, la imposibilidad del disfrute de la tierra como hasta entonces había sido, las nuevas formas de exploración del espacio, la presencia y la importancia del sistema urbano, todo puede ser analizado con la ayuda de este trabajo de Milton Santos.

Palabras clave: Minereros, Hidroeléctricas, Metamorfosis, Milton Santos.

¹ Fragmento da pesquisa “Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos, Goiás”, em curso pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

² Graduação em Geografia (2003) e especialização no ensino de Geografia (2006) pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão; professor no ensino público municipal de Catalão, Goiás. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFG-Campus Catalão.

³ Orientadora – Doutorado em Geografia pela Université de Bordeaux III, França (1985); professora titular da Universidade Federal de Goiás.

⁴ Co-Orientador – Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004); professor titular da Universidade Federal de Goiás.

Garimpando a presença teórica de Milton Santos entre os diamantes de Três Ranchos

Sob o título “Pobres garimpeiros de riqueza – a Geografia dos diamantes em Três Ranchos, Goiás” foi apresentado um projeto de pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado, da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, projeto no qual havia o propósito central do resgate de um período na história do município de Três Ranchos, quando houve a descoberta de diamantes e em seguida iniciou-se o garimpo no leito e margens do Rio Paranaíba. Isso poderia dispensar o que aqui se propõe discutir. Um enredo puramente descritivo, a perspectiva jornalística, no entanto, é por demais restrita, embora talvez suficiente para “informar”. Mas o ponto de vista geográfico exige mais, é necessário acolher categorias e associá-las aos eventos que se pretende descrever. Pois se nada ocorre desatado desta ciência, interpretar os acontecimentos sob sua ótica poderá (além da própria legitimidade teórica que se há de imprimir-lhes) facilitar a compreensão dos mesmos. Neste sentido, se fará aqui uma tentativa de vincular alguns elementos da pesquisa, conhecidos até agora, contextualizando-os às categorias geográficas mais elementares, com ênfase para a região, o território, o lugar e a paisagem. Antes dessas, porém, é fundamental compreender o espaço, que, pode-se dizer, “precede e acolhe” às demais categorias.

Um exercício relativamente simples, tendo em conta há quanto tempo, com quanta intensidade, por quantos autores e quão brilhantemente estas categorias estão sendo discutidas e elucidadas, tal é a profusão de idéias e a produção científica a respeito. O desafio que se propõe está em concretizar este diálogo a partir do pensamento de um único autor e, essencialmente, de apenas uma de suas muitas obras. O pensador é Milton Santos, e o seu livro escolhido aqui é “Metamorfoses do Espaço Habitado”, em quinta edição, pela Hucitec, de 1997. Sem qualquer demérito aos demais, a opção por esta obra e seu autor foi motivada pela dimensão de um e outro no seio da ciência geográfica. A começar pelo título, o livro já nos aparece sugestivo, na medida em que a pesquisa estará, todo o tempo, relacionada às transformações pelas quais o município de Três Ranchos passou, em função da atividade garimpeira e das conseqüências advindas, considerando ainda

que a investigação buscará entender o que ocorria desde antes de serem encontrados os primeiros diamantes até como vivem os antigos garimpeiros hoje.

O ESPAÇO

Inicialmente, reiterando a precedência do espaço como categoria, é mister que se apresente a proposição do eminente autor para uma conceituação a respeito; para ele

“O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.” (SANTOS, 1997: p. 71)

Bem mais adiante Milton Santos admitirá o desafio que é uma definição para essa categoria, e se propõe esclarecer um pouco mais:

“A definição do espaço é tarefa das mais difíceis e que tem desafiado os especialistas das respectivas disciplinas explicativas e normativas, desde a geografia à planificação territorial. Dessa definição depende o bom resultado das análises de situação e dos enfoques prospectivos. Propomos, aqui, uma definição que é operacional e, ao mesmo tempo, fundada no real.

O espaço é formado por dois componentes que interagem continuamente: a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem, através dos sucessivos “sistemas de engenharia”; b) a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento.” (SANTOS, 1997: p. 111)

Os primeiros parágrafos do projeto de pesquisa tratam justamente da configuração territorial citada por Milton Santos: o Rio Paranaíba e suas adjacências, aquele momento histórico e o arranjo dos “elementos naturais e artificiais” dispostos da maneira como o autor sugere. Assim se vai montando um extenso “quebra-cabeças” que, conforme ainda o autor, varia em seu arranjo, a cada momento histórico (é a “astúcia que têm certas coisas de se remexerem dos lugares”; irresistível a citação a João Guimarães Rosa⁵, um arremate poético impregnado da geografia). Será estéril um parágrafo que seja a respeito de Três Ranchos sem associá-lo intensamente ao Rio Paranaíba, pois se tudo o que se sabe do município está, todo o tempo e de alguma forma, relacionado ao rio.

⁵Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro, José Olympio, 15ª ed., 1982, p. 142

Retomando o projeto de pesquisa, de acordo com o recorte temporal proposto, havia no início, como “elementos naturais” o próprio rio, a flora exuberante em suas margens (com destaque para os babaçuais) a fauna (incluindo a grande diversidade de peixes) e a formação geológica, um dos pilares da pesquisa, vez que aqui se trata da exploração dos diamantes, originários de um contexto singular, conseqüentes de eventos somente mensuráveis e inteligíveis sob a leitura de códigos geológicos. É nesta “configuração territorial” ou “configuração espacial” (um “subespaço mineiro” localizado no “subespaço rio”) que se situará a pesquisa. O recorte espacial proposto abarca, como se disse, as contiguidades do Rio Paranaíba, no trecho que margeia o atual município de Três Ranchos (no sudeste extremo do estado de Goiás, fronteira com o estado de Minas Gerais) àquela época parte do município de Catalão. Já a “dinâmica social” enunciada por Milton Santos, neste contexto é dada pelas relações dos garimpeiros com os elementos e com os demais personagens (o núcleo da pesquisa) e destes entre si.

Obviamente, é impossível ignorar na contextura dessa dinâmica social a presença do sistema urbano, representado aqui pela cidade de Três Ranchos, naquele momento em sua gênese, sob um grande aporte cultural e econômico advindo da atividade garimpeira e seus personagens. Para Milton Santos, trata-se de um constituinte do “espaço total” (SANTOS, 1997: p. 112) o “subespaço urbano”, sendo que este agrupa as condições para a manutenção de relações com os demais subespaços, dentre eles o subespaço mineiro. É de se notar uma interessante coincidência, quase sinonímia: ao se referir ao “subespaço mineiro”, pode-se dizer que o texto miltoniano torna-se uma referência direta ao garimpo de diamantes referido na pesquisa.

Os elementos urbanos, notadamente o comércio, tiveram papel importante na organização espacial do garimpo de diamantes em Três Ranchos. Novamente recorrendo a Milton Santos, é o “aparelho terciário” (o comércio) dando condições ao garimpo (uma atividade extrativista, primária) de relacionar-se com os demais subespaços. Mas, sem dúvida, foi a ferrovia, cujo tráfego pela região teve o seu início coincidente com os primeiros anos da atividade garimpeira (o primeiro trem passou pela estação ferroviária de Três Ranchos em 1942) que se pode considerar o que mais contribuiu para a “integração entre fixos e fluxos, isto é, entre

a configuração territorial e as relações sociais” (SANTOS, 1997: p. 112) inclusive facilitando sobremaneira as relações interurbanas, um tanto restritas até então.

É no interior desse “subespaço mineiro”, o garimpo, a fonte primordial da pesquisa, que se percebe, novamente recorrendo a Milton Santos, a presença dos “fixos” e dos “fluxos”. No dizer do autor, ainda pormenorizando a respeito do espaço, este é,

“também e sempre, formado por fixos e de fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço.

Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. Não é por outra razão que os diversos lugares, criados para exercitar o trabalho, não são idênticos e o rendimento por eles obtido está em relação com a adequação dos objetos ao processo imediato de trabalho. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas, isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo, podem ser estudados através desses dois elementos: fixos e fluxos”. (SANTOS, 1997: p. 77)

No projeto proposto, a analogia pode ser feita classificando os garimpeiros e o seu instrumental de trabalho, incluído o próprio rio, como “fixos”, embora os trabalhadores fossem, noutra momento, também “fluxos” (“que se originam dessas coisas fixas”!), considerando que algumas vezes se aventuravam em levar o fruto de seu trabalho, os diamantes, até a ponta do consumo.

Note-se a rápida alusão à desigualdade do rendimento do trabalho. No caso dos garimpeiros, estavam condicionados à especificidade de cada ponto de garimpagem, que variava em função das possibilidades geológicas, das dificuldades topográficas e das distâncias, das vicissitudes climáticas etc; além disso, o garimpo abarcava outros interesses e atores, igualmente diversos, como o dono da venda e o fornecedor, este uma espécie de garantidor de condições mínimas de trabalho, que o fazia, obviamente, surrupiando ao garimpeiro a sua força de trabalho. Além desses, eram os garimpeiros frequentemente vítimas do logro dos capangueiros, típicos agentes do sistema, que no processo de negociação envolviam os trabalhadores numa perversa rede de informações que “queimava” os diamantes, impondo o preço que lhes convinha, para em seguida à compra vendê-los por um preço multiplicado.

Arrematando a questão do espaço atinente à pesquisa, diz Milton Santos que

“o fato de que as mudanças operadas no espaço raramente eliminam de uma vez os traços materiais do passado, obriga a considerar as fases respectivas de instalação de novos instrumentos de trabalho e de criação de novos meios de trabalho. Em cada fase, as relações sociais não são da mesma natureza. Assim, as combinações entre fluxos e fixos, ainda que estes aparentemente não mudem, não são as mesmas segundo os períodos.

Cada período tem uma fase ascendente e uma descendente, onde o jogo interno das variáveis muda, dando proeminência a um fator cuja importância era menor no primeiro período.” (SANTOS, 1997: p. 114)

Dessa forma pode-se explicar as metamorfoses resultadas das ações havidas no espaço. A pesquisa devidamente conduzida, sob a lucidez do fragmento acima, poderá deixar evidente a verdadeira estatura do processo em que as transformações ocorreram. Todos os eventos, assim como todos os personagens tem sua importância, apenas variam de acordo com a fase em que ocorrem. Cabe ao pesquisador trabalhar com cautela. No caso da exploração de diamantes em Três Ranchos, há uma tendência de privilegiar a história dos dominadores, dos fornecedores, dos compradores, dos diamantes, em detrimento do garimpeiro e às vezes do próprio rio, um evidente preconceito que, não sendo percebido e evitado, causa prejuízos à investigação de como os eventos se sucederam efetivamente e de como estes e todos os seus protagonistas se encaixam no processo histórico.

O TERRITÓRIO

O território comparece como categoria a ser considerada para um melhor entendimento da pesquisa. Pouco citado explicitamente neste livro de Milton Santos, da leitura como um todo pode-se entender que território é o espaço ocupado, onde se dão as relações de poder. Há um processo de ocupação e, com essa, vem implícitas as intencionalidades. São forças que se confrontam, grupos que se opõem, se apropriam do espaço e impõem, um grupo sobre outro ou uns sobre outros, sua expressão. Na maioria dos casos, e para melhor compreensão, dir-se-ia que os territórios são definidos, delimitados, por fronteiras, como no caso das divisões políticas. Estas fronteiras, no entanto, podem ser estabelecidas tacitamente, à semelhança do que ocorria com os diversos pontos de garimpagem no leito e

margens do Rio Paranaíba: o garimpo de um não era “invadido” por outro garimpeiro, a não ser sob aquiescência daquele.

Constituído por lugares em rede, pode-se admitir no caso de Três Ranchos o “território garimpeiro”, formado pelos vários pontos de garimpo de diamantes no curso do Paranaíba. E Três Ranchos, por sua vez, em rede com outros lugares em que se produzia diamantes, tais como Estrela do Sul, Coromandel etc, estendendo-se a rede progressivamente até uma dimensão planetária. Os garimpeiros trafegavam por essa rede, conduzindo informações, comerciando etc. É preciso observar, no entanto, que no processo permanente de metamorfoses do espaço, “as porções de território ocupadas pelo homem vão desigualmente mudando de natureza e de composição, exigindo uma nova definição” (SANTOS, 1997: p. 39). A exigência de produção cada vez maior de energia transformou a natureza do rio; hoje em dia Três Ranchos já não faria mais parte daquela rede, em vista de sua redefinição produtiva: desde que o Rio Paranaíba foi represado em função da construção da usina hidrelétrica de Emborcação, o garimpo de diamantes cessou e o rio assumiu novas funcionalidades possíveis, como aproveitar para a piscicultura intensiva o lago que inundou todos os garimpos. Vê-se Três Ranchos atualmente como um dos nós de outra rede regional, a dos lugares destinados ao turismo e ao lazer. Embora neste caso a economia local tenha se transformado de forma marcante, pois da atividade tipicamente extrativista, primária, que era o garimpo de diamantes, Três Ranchos teve o seu núcleo urbano transformado no “aparelho terciário” ditado por Milton Santos, voltado para as mais variadas formas de prestação de serviços, a hotelaria, o comércio diversificado etc.

A PAISAGEM

Na trajetória da pesquisa a paisagem será talvez a categoria mais recorrente, diante da personalidade dos principais sujeitos envolvidos, os garimpeiros. Referindo-se ao assunto, Milton Santos diz que

“tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1997: p. 61)

A partir desta conceituação pode-se inferir que a paisagem vai além do que o autor diz: pois se também formada de “odores, sons etc”, ela extrapola o que “a vista abarca”, e excede esta única sensação. Com efeito, logo a seguir, Milton Santos diz que “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 1997: p. 62) e continua:

“a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada.” SANTOS, 1997: (SANTOS, 1997: p.62)

Como a pesquisa trata da “percepção” de cada indivíduo, que a tem diferenciada, a paisagem será sempre descrita de maneira distinta. Por isso Santos adverte que se deve

“ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência.” (SANTOS, 1997: p. 62)

Diante disso, é prudente considerar como toda paisagem que hoje se tem notícia, do tempo em que os diamantes eram garimpados em Três Ranchos, na verdade, era múltipla, embora uma única realidade. A variedade advém dos muitos pontos de vista, uns fantasiosos, relatados pelos atores envolvidos naquela atividade, cujas percepções são, obviamente, diversas. Cabe então, no exercício da pesquisa, investigar além das aparências que são contadas a partir da percepção dos garimpeiros. Por conta da metodologia que se adota, das entrevistas, e pela condição de serem os garimpeiros sujeitos devaneadores, cujos sentidos são especialmente aguçados, sensíveis, é preciso cuidado do pesquisador para pressentir as eventuais deformações da realidade, quando o fazem ao narrar.

Em meio às narrativas nostálgicas dos garimpeiros, de um tempo que alegam era alegre e profícuo, infere-se uma rotina de sofrimentos, de trabalho árduo, nem sempre compensador, áspera dialética de esperança e frustração.

REFERÊNCIA

SANTOS, Milton (1926-2001). **Metamorfoses do espaço habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.